

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA, DROGAS E SOCIEDADE**

**DISCIPLINA: PSICOPATOLOGIA GERAL I**

**DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CLARISSA M. CORRADI-WEBSTER**

LEIA A ENTREVISTA A SEGUIR E RESPONDAM ÀS QUESTÕES ABAIXO.

ESTE EXERCÍCIO PODE SER REALIZADO EM GRUPOS DE **ATÉ 5 PESSOAS**. CASO PREFIRAM, PODEM FAZER INDIVIDUALMENTE OU EM DUPLAS.

DATA PARA ENTREGA: **20 DE MAIO DE 2020**

ENVIAR PARA EMAIL: lepsis@usp.br

- 1) Quais foram os serviços que Luísa acessou e como cada um deles contribuiu em sua trajetória de recovery?
- 2) Analisando a vida de Luísa, para além dos serviços de saúde, o que vocês consideram que colaborou em seu processo de recovery?
- 3) Se vocês fossem psicólogos do CAPS-ad e fizessem esta entrevista inicial com Luísa, qual seria o Projeto Terapêutico Singular sugerido? Justifiquem cada uma das propostas do projeto.

E=entrevistadora

P=participante

E: Por favor, fala o seu nome pra mim.

P: Luísa Emília da Silva

E: Ta. Quantos anos a senhora tem?

P:

54.

E: Com quem que você mora?

P: Eu moro... to, no momento, to em situação de rua, eu moro no CETREM.

E: No CETREM. Faz quanto tempo?

P: Eu to lá há sete meses.

E: Sete meses. E com quem que você acha, Luísa, que você pode contar no dia a dia?

P: Eu só posso contar com o Centro Pop, o pessoal do Centro Pop, e o pessoal do cetrem, no momento.

E: No momento, tá. E como que você se sustenta?

P: Eles que me sustentam, né. A alimentação a gente faz no CETREM e no Centro Pop também, roupas, produtos de higiene pessoal, tudo doação de lá do CETREMe do Centro Pop.

E: Tá. E você tem filhos?

P: Eu tenho.

E: Quantos filhos?

P: Eu tenho 6 filhos.

E: Seis filhos? Qual que é a idade deles?

P: Olha, assim, eu andei meio perdida, por aí, sabe assim? Então não vou lembrar, eu vou falar mais ou menos a idade deles porque eu to um pouco assim, meio perdida na vida né. Olha, a minha filha mais velha tem 33,

a outra, essa é casada, a outra também que é casada tem 30, aí tem o meu filho, que é o Luis, que ele tá com 24, tem a Carla com 22, tem o Pedro com 21 e a Clara com 20.

E: Tá. Então já são todos maiores, né?

P: São.

E: Em relação ao uso de álcool, de drogas, qual substância que a senhora usa?

P: Crack.

E: O crack?

P: É.

E: Tá. E a senhora já foi internada alguma vez por causa?

P: Já, já fui. Várias vezes.

E: Várias vezes?

P: No Santa Tereza pra desintoxicar, eu tive em três clínicas, só que eu não consegui ficar, né, não deu certo, eu quis sair, quis pedir pra vir embora, porque eu tava, eu tava assim, meio rebelde, meio revoltada, eu não recebia visita dos meus filhos e isso me deixou muito desanimada, não recebia visita de ninguém, então eu resolvi vir embora. Mas nesse meio de tempo eu consegui ficar um ano e 7 meses sem usar, tava até trabalhando também, mas aí eu tive uma recaída, por causa de uns problemas que eu tive, que eu perdi meu emprego, sabe? E eu não tava dando conta de pagar a pensão que eu morava, e eu tive que voltar pra CETREM, e lá no CETREM, tem uso de droga lá dentro, e eu acabei tendo essa recaída por conta disso.

E: Entendi. Tá. Então você já foi internada 3 vezes em clínica e uma vez lá no Santa Tereza?

P: Não, acho que umas duas vezes no Santa Tereza pra desintoxicar.

E: Tá. Clínica é igual comunidade terapêutica? Fazenda, assim?

P: É, é isso.

E: Tá. E você já procurou ajuda em outro lugar pra lidar com a droga?

P: Eu já procurei ajuda aqui também (CAPS-ad), eu já fiz tratamento aqui há três anos atrás.

E: Tá.

P: Só que pra mim também, no estado em que eu estava, assim, que eu tava usando muito, eu tava muito dependente, então eu acabei abandonando o tratamento aqui também.

E: Tá certo. Agora vamos pensar na relação da senhora com as drogas. Quando você pensa, assim, na sua relação com o crack, né, que é a droga que você usa, como que você queria estar nessa relação? Como que seria, assim, pra mim seria perfeito?

P: Eu queria tá no controle. Eu gostaria de tá eu no controle, não ela me controlando.

E: Entendi.

P: Eu tá no controle. Tipo assim, eu vou usar e conseguir ficar sem usar.

E: Entendi.

P: Porque às vezes ela me envolve e eu não consigo falar esse não. Então eu gostaria de estar assim, eu no comando. Eu falar “eu não vou usar, não usar amanhã nem depois”, aí, tipo assim, “ah, daqui uns cinco dias eu vou usar”. Mas eu não tenho isso ainda.

E: Você tem uma... você tem, passa na sua cabeça assim “ah, eu vou usar só agora e não vou usar mais”.

P: Passa, passa.

E: Só que aí quando você usa agora...

P: Quando tem a droga por perto, ou eu sei que tem alguém usando por perto, aí já me desperta o desejo de usar também.

E: Entendi. E assim né, se você pensasse, então, no sucesso da sua relação com a droga, que seria isso, né? Você estar no controle, que que você acha que poderia atrapalhar esse sucesso? De você tá no controle?

P: O ambiente em que eu vivo. O ambiente atrapalha muito. Porque lá no CETREM, ele fica num lugar onde tem uma biqueira em cada esquina, tanto do lado de cá quando do lado de cá, nos dois bairros, tem uma avenida que divide os dois bairros, né, então tanto de um lado quanto do outro tem muita biqueira.

E: Entendi. E isso atrapalha.

P: Atrapalha muito, e mesmo lá dentro do CETREM, como eu já comentei antes, a pessoa tá usando lá dentro e me dá vontade de usar, e eu fico muito na fissura pra usar.

E: Sim, sim. E o que que você acha que poderia te ajudar a alcançar isso que você quer?

P: Eu sair desse ambiente. Conseguir sair desse ambiente.

E: Tá. Mais alguma coisa além disso?

P: Ah, uma ajuda, assim, que nem agora eu vou começar a participar dos grupos, acho que isso sim ajuda um pouco também.

E: Tá. E aí vamos pensar em alguns momentos da vida da senhora, né. Se você olhar pra sua vida e lembrar dos momentos que você diminuiu a bebida, ou que você parou de beber, que nem você me contou aí, do momento que você ficou mais de um ano, né? Que que tava acontecendo na sua vida nesses momentos?

P: Eu consegui um trabalho, né? Então eu tive esperança de mudar de vida. Eu consegui, por algum tempo, mudar de vida, então, é isso, então.

E: E como que você conseguiu esse trabalho?

P: Primeiramente eu, eu tava morando em outro bairro com um companheiro meu, e a gente usava junto, aí eu acabei me separando dele porque não tava dando certo o relacionamento, mas eu ia num restaurante, a mulher me dava marmitex e em troca eu lavava panelas, as panelas dela, ela não me pagava nada. E eu comecei, assim, a distribuir uns panfletos que o marido dela fez pra mim no computador, fez várias cópias, e eu coloquei isso na escola, coloquei em vários lugares, entreguei pra várias pessoas, e eu consegui um trabalho de faxina numa empresa, numa firma, que eu trabalhava duas vezes por semana, e os outros dias eu trabalhava com a Rosa, aí ela fez um salarinho pra mim, né, não um salário mínimo, mas um pouquinho, e depois ela demitiu uma funcionária e me colocou no lugar dela. Então o trabalho pra mim foi muito importante. Eu consegui por causa disso. Eu comecei a ver que eu tinha condições de retomar minha vida, trabalhando e, sei lá, de repente eu gostaria de tá fazendo um curso, alguma coisa.

E: Sim, sim. E quando a senhora pensa, né, nos momentos da vida da senhora que a senhora usou mais droga, aquele momento que você fala assim “nossa, eu tava lá no fundo”. Que que você acha que te segurou pra você não se afundar ainda mais? No que que você se apegava pra não morrer?

P: Olha, quando eu tava bem no fundo do poço mesmo, eu tinha, assim, me entregado totalmente. Eu não via solução pra mim.

E: Mas você sobreviveu e saiu.

P: Sobrevivi.

E: Então alguma coisa te segurava lá no fundo do poço pra você não se afundar ainda mais.

P: Não, eu acho que eu cheguei no limite mesmo, no último. Eu cheguei a ficar no último, assim, até prostituição, sabe, pra poder usar droga. Não tinha algo que me segurava, eu não encontrava, porque meus filhos não me seguravam porque eu tava muito dependente, meus pais, não pensava em ninguém, eu não pensava em nada, eu não conseguia ver nada que me segurasse. Eu fiquei, sabe, livre, pra usar assim, bastante.

E: E quando a senhora pensa na sua vida hoje, que que você acha que hoje te ajuda a se cuidar, a se controlar?

P: Hoje? Os meus filhos, porque eu to sentindo uma necessidade muito grande de ajudar meus filhos.

E: Uhum... você tá com contato com eles agora?

P: Não, não tenho, porque eles moram em outra cidade, eles não moram aqui. Quando eles mudaram pra outra cidade, na casa do pai, meu ex marido, porque eles ficaram desempregados aqui em e nós não demos conta de pagar aluguel, pagar água e luz. Então o pai tem uma casa em outra cidade, chamou eles pra morarem lá, só que eu não podia ir junto, porque ele tem uma outra família, tem uma outra mulher, e essa mulher não me quer por perto, então foi onde eu tive que voltar pro cetrem.

E: Tá certo. E o que que você usa hoje de estratégia pra conseguir controlar o uso, não usar, que estratégia que você faz, assim, quando dá vontade?

P: Então, eu não vou mais atrás de dinheiro pra usar droga, isso eu não faço mais, porque antes eu pedia dinheiro no farol, pedia dinheiro de porta em porta, prostituição, hoje, eu não faço mais isso. Eu consigo me

manter, assim, a minha integridade nesse sentido, sabe? Eu tô assim, faltando poucos passos mesmo pra eu parar de usar, eu só preciso sair do ambiente que eu to, e hoje eu sinto isso.

E: Sim, sim. E agora vamos pensar em todos os tratamentos que a senhora já fez por causa de drogas, né? De ajudas que você buscou, tudo. Que que você acha que mais te ajudou nesses tratamentos aí que você já passou?

P: Olha, de verdade mesmo, nada, nenhum, nenhum me ajudou naquele momento que eu tava muito dependente. Hoje eu consegui tomar consciência dos meus atos, então eu procuro ficar o mais controlada o possível, às vezes, que nem eu te falei lá, que o pessoal usa lá dentro, às vezes eu ganho um traguinho assim, sabe? Aí me dá aquela fissura pra usar, mas como eu tomo medicamento, eu tomo meu medicamento, então eu durmo cedo. Então eu to tentando, assim, evitar no máximo, eu só faço isso quando eu vejo que eu não to aguentando mais. Eu chego na pessoa e falo “você não pode me dar um trago?”. Porque eu to, né, naquela fissura. Mas aí depois eu consigo me controlar, eu vou tomar meu remédio e vou dormir. Aí eu fecho a porta do quarto, já tomo o remédio e deito.

E: E aí com a tua experiência então, que que você acha que um tratamento pra mulher que usa droga tinha que ter?

P: Deixa eu ver, deixa eu pensar... ah, mostrar que é possível conseguir viver sem a droga, né? Porque assim, de experiência minha mesmo, que é possível ficar sem. Depende da minha atitude e do ambiente que eu vivo.

E: E que que o tratamento poderia fazer pra mostrar pra uma mulher isso?

P: Nossa, agora você me confundiu minha cabeça.

E: É, assim, você procura um serviço pra tratar drogas, né? O que que você acha que tem que ter nesse serviço que ajuda a mulher?

P: Aí, nossa, agora me complicou, não to conseguindo responder essa pergunta. não tem uma outra forma de você me fazer essa pergunta?

E: É, eu to tentando, ela tá meio difícil mesmo, ela tá meio complicada. Vamos pensar assim, então, vamos pensar nos profissionais que já te atenderam na tua vida. Tem alguma coisa, assim, que você fala, olha, isso me marcou, isso que o profissional fez me ajudou, foi bom...

P: Ah sim! Uma psicóloga, uma terapia com uma psicóloga, porque quem me mostrou esse detalhe do ambiente, da atitude, dos amigos, foi uma psicóloga do centro pop que conversou comigo, e ela disse pra mim assim “o primeiro passo é você mudar de ambiente, e você ter uma atitude, e o ambiente que você vive, você sair do ambiente e ir pra um ambiente saudável”. Isso me ajudou. Então eu acho que a psicologia sim ajuda bastante, no meu caso acho que me ajudaria.

E: Entendi. E aqui no CAPSad é a primeira vez que você vem?

P: Não, eu já tratei aqui há três anos atrás.

E: E agora você tá voltando?

P: To voltando.

E: Que que te trouxe aqui agora de novo?

P: Então, lá no Centro Pop, né, eles, a coordenadora viu a possibilidade da gente vir pra cá na sexta feira, e ela fez a proposta e eu aceitei, porque eu acho que vai ser bom pra mim.

E: Que bom. A senhora quer falar mais alguma coisa?

P: Ah, é isso, eu acho que, porque eu já ouvi dizer que o vício é uma doença e que não tem cura, mas tem como você se manter controlado. Eu creio que isso aconteça porque eu consegui ficar um ano e 7 meses sem usar, eu ganhei peso, sabe, eu fiquei bem melhor, respirando melhor, minha cabeça tava bem melhor, eu comecei a ter contato com os meus filhos, eu consegui adquirir um celular, então a gente conversava com chamada de vídeo, eu podia vê-los, podia ver minha netinha, isso sim me punha muito pra cima. Isso me ajudou muito. Mas infelizmente eu, aconteceu de eu perder o meu emprego e eu voltar pra esse ambiente onde me levou a ter uma recaída.

E: Tá bom. Muito obrigada.

.....  
(A CONVERSA A PRÍNCIPIO TINHA SE ENCERRADO, MAS LUÍSA CONTINUOU CONTANDO ALGUMAS COISAS, QUE SEGUEM)

P: Eu fui diagnosticada com transtorno bipolar, e eu comecei a tomar muita medicação, então eu tive que parar de trabalhar. Eu tomava muito remédio, e eu ficava de cama, parecia uma doente acamada com depressão. Quando vinha aquela euforia, eu queria trabalhar, eu falava assim “não, to bem, melhorei, agora vou trabalhar”, mas era só a minha euforia. Depois eu caía em depressão de novo.

E: E você fez tratamento na época?

P: Eu fiz, fiz tratamento, tomei muita medicação, e os remédios me deixavam muito na cama também, porque eu tomava 22 comprimidos por dia.

E: Entendi.

P: E eu tive que mudar de casa, mudei pra uma travessinha em outro bairro e eu até então não conhecia, mas tinha uma biqueira na esquina de casa, porque eu nem sabia, eu não conhecia a droga, eu nem sabia que que era os meninos que ficavam na esquina e vendiam droga, não sabia. E meu marido trabalhava a noite, então os dias que eu tava mais ou menos melhorzinha, eu levava ele até o portão pra ele trabalhar a noite de moto, ele ia de moto. E um dia eu sentei no portão e fiquei sentada, ele foi embora e eu fiquei sentada no portão. E o meu portão tinha uma paredinha assim que dava pra alguém ficar escondido atrás, e tinha uma moça que morava na esquina, ela usava droga ali na minha paredinha, eu não via, porque a noite eu tava dentro de casa, não via, e esse dia ela foi ali pra fumar, e eu tive a curiosidade pra mim experimentar o crack. E eu vi que a droga me deixou bem, eu voltei assim, eu voltei a ser quem eu era.

E: E nessa época você tava deprimida?

P: Tava. Eu tava com depressão, e a droga me tirou da depressão. Então eu voltei a fazer meu serviço da casa, eu voltei a lavar roupa, fazer comida, cuidar da casa, então aquela droga tava me alimentando e me sustentando.

E: E você continuou trabalhando como cabelereira?

P: Não, não. Nessa época eu já tinha parado de trabalhar. Eu tinha tentado voltar a trabalhar, só que por conta da depressão eu não consegui. Eu sempre caía na depressão de novo e parava de trabalhar. Então o dia que eu conheci essa droga, eu abandonei meu tratamento com a medicação e comecei a usar só a droga. E meu marido no começo, hoje ele me abandonou, eu não tenho mais ele, ele me dava o dinheiro pra eu comprar a droga, porque eu queria, eu deixava ele maluco, porque eu queria a droga. Então ele dava um dinheiro. Mas quando ele viu que o barco tava afundando, ele parou de me dar dinheiro e eu comecei a roubar dentro de casa. Celular dos filhos, tablet, celular dele, dinheiro que eu achava. Eu roubava meus filhos e roubava ele. Aí foi indo, ele me abandonou, me deixou sozinha, meus filhos me abandonaram também. Eu fiquei morando nessa casa sozinha, eu comecei a vender tudo que tinha dentro de casa, móveis, eletrodomésticos, roupa minha, objeto, bolsa, óculos, tudo que eu tinha eu comecei a vender pra usar droga, e teve um dia que isso acabou. E eu tive que sair da casa porque eu não tava pagando aluguel, aí eu me entreguei, eu caí na rua mesmo. Eu caí nas ruas. Eu ficava numa favela e ali nessa favela é onde eu saía pra ir buscar o dinheiro, ir buscar o dinheiro pra usar droga. Então essa época, assim, foi essa época que eu cheguei bem no fundo do poço mesmo. E pra ajudar eu ainda perdi a minha mãe, e depois de um ano e dois meses eu perdi meu pai. E nessa época, quando eu perdi meu pai, eu tava na rua, eu nem fiquei sabendo que meu pai tinha morrido, eu fiquei sabendo 12 dias depois.

E: E nessa época você parou totalmente o tratamento também?

P: Parei. Abandonei totalmente.

E: Você voltou agora a fazer o tratamento?

P: Voltei agora, to fazendo de novo o tratamento.

E: Onde?

P: No CAPS de saúde mental. Porque lá eu já tenho o meu psiquiatra, que eu já tô acostumada com ele, eu prefiro continuar lá.

E: Foi o pessoal do Centro Pop que te ajudou?

P: Não, na verdade eu comecei a ter crises de ansiedade, porque como eu te falei que eu não queria ter voltado pro CETREM, porque eu sabia que eu ia recair, quando eu cheguei no CETREM eu comecei a entrar em desespero, porque eu não queria tá ali naquele lugar. E não tinha outro lugar pra eu ir, eu tava sendo obrigada a ficar ali. Eu comecei a ter crises de ansiedade, que eu ficava muito mal, nossa, me dava um, sabe, eu nem consigo explicar o que eu sentia, aí eu comecei a ir no Pronto Socorro, tomava diazepam e voltava, e no outro dia tinha crise de novo, e eu tava no Centro Pop, aí me mandaram... eu comecei a, eu tava batendo a cabeça na parede, fiquei mal assim, sabe? E o médico me encaminhou pra um psiquiatra nesse CAPS de saúde mental, e eu ia ter essa consulta tipo assim, só dali a seis meses, aí como eu tava muito mal, eu fui lá no postinho do bairro e conversei com a psicóloga de lá, e ela conseguiu me antecipar a consulta. Aí eu fiquei três meses esperando essa consulta, e tomando remédio da UPA, que o psiquiatra da UPA me deu medicação, então eu consegui segurar até a minha consulta. E aí então eu comecei a tratar com esse médico e tem dado certo o tratamento. E eu to tomando a medicação. Só que daquele jeito que eu te falei, né? Se tem alguém fumando, usando lá onde eu to, eu não consigo segurar a onda. Então eu acho que um primeiro passo é eu sair dali.

E: É arrumar algum lugar pra você ir né.

P: Arrumar um lugar, um ambiente saudável.

E: Saudável, sim, sim.